

a árvore mais sozinha do mundo



COMPANHIA DAS LETRAS

mariana
salomão
carrara

1.

Eles sabem tanto de amor. Era melhor saberem menos, assim acabavam logo comigo. Eles acham que sabem muito de venenos, mas não podem saber mais do que eu.

Meus galhos grossos imensos avançam por cima da casa, a minha sombra é a melhor de todo o terreno. No tronco mais baixo me pregaram há muitos anos este balancinho. Apesar de tudo eles sabem também de infâncias.

O que uma árvore tem para fazer o dia inteiro é espiar os humanos por cima. É um ângulo um pouco sórdido, porque eles julgam que vigiando por cima há somente Deus, se tanto.

Talvez haja alguma vantagem em ser uma árvore, entre todas as coisas que se pode ser, porque de cima vejo muito longe, e por baixo vejo sempre a família quando repousam recostados no meu tronco. Sob a copa de uma árvore o costume é amar muito alguém, ainda que seja na forma de ódio como amam as duas irmãs. Ou também é bastante comum que venham aqui sofrer, o choro quieto ou exausto que eles às vezes choram.

Quero dizer que é raro alguém parar aqui embaixo em estado de indiferença. A desvantagem é que só pela sombra posso acolher os ânimos de alegria, miséria ou exaustão, nada além disso. Meus galhos, por mais que se esforcem, não possuem o registro de um abraço.

Todos sabem a importância das árvores para os humanos, mas pouco se fala da importância das pessoas para nós. E o fato é que quero tanto a esta família, amparar seus futuros, prosperidades, que bem preferia ser na verdade uma árvore genealógica. Uma genealogia do porvir.

Nesta terra temos limites para a alegria e temos também os limites dos dias — o tempo do tabaco. Agora eles têm de começar o transplante. É preciso cuidar de cada muda, as mãozinhas feito um cesto de amor, eles sabem de amor. Vou vendo todos juntos cada vez mais distantes de mim nas linhas da plantação, as crianças fora da minha sombra, o sol no olhinho, mas é agosto e aqui no Sul ainda é um sol gelado.

O bom era fazer isso sem tanto sol, um pouco mais de nuvem, alguma chuva, mas o tempo do tabaco nem sempre se acerta com os outros tempos. Depois de tudo que aconteceu nos últimos dois anos, era melhor mesmo esperarem até agora.

Outra vantagem de uma árvore é comer luz. Eles não podem viver de luz nem mesmo depois de um dia inteiro debaixo desse sol.

Eu daria a eles toda a minha comida se pudesse.

Meu tempo preferido é antes deste, as sementinhas nos canteiros cobertas de lona atrás de mim. Todos os dias vem um deles descobrir por uns instantes, depois cobre de novo, são bebês que alguém espia no berço, estão respirando, pronto.

Enquanto isso a família vai arando a terra toda ou tratando a palhada. Este ano alugaram o boi de canga de um sítio vizinho, eu acho, para as áreas mais planas. Ou alugaram ou pode ter sido emprestado, mas duvido, a lavoura bonita de um pode ser a miséria do outro na hora da venda. Apesar que tudo é possível, eles sabem tanto de amor.

Quando os animais vêm passear embaixo de mim eu lembro que tinham de me tombar daqui. As cabras tão pequenas se fartam das minhas favas depois se revolvem no chão, tenho medo de que vomitem além do que é o próprio conteúdo delas, fiquem ao contrário, mais para fora do que para dentro. Quando tínhamos bezeros, pior ainda.

Ninguém pode saber a dor de ser venenosa, as pessoas podem saber de muitas outras dores, mas não desta, que é a minha.

Guerlinda poderia imaginar o que é isso se, todos os dias, em vez das lentilhas que escapam vaporosas pela chaminé bem direto nos meus galhos, cozinhasse qualquer coisa putrefata que em seguida escapasse das entranhas dos filhos em golfadas penosas, muito choro. Mas que isso fosse inevitável, um apeçonhamento natural. No dia seguinte mais almoço e mais vômitos. Talvez nem assim Guerlinda me entendesse, porque verter venenos é diferente de produzi-los, eu tenho na minha seiva um código de maldade.

E então acontece de eles darem com os animais azedando ao longo das minhas raízes, chamam um pelo outro nos nomes de sempre, isto daqui é uma ciranda dos nomes de sempre, e o outro vem lá de dentro com as injeções. As crianças pulam as poças de nacos de estômagos para alcançar as orelhinhas da cabrita e alisá-las num acalanto.

Um tempo depois quase sempre os bichos voltam à vida normal, eu com a folhagem enrubescida, murcha de uma vergonha inteiriça, que me arrepiava cada bulbo. E ainda assim o Carlos dá dois leves tapas na minha casca como se eu fosse uma velha amiga que tivesse falhado de novo, uma incontidência virulenta que ele pudesse perdoar todos os meses por causa de um amor que nós dois não compreendemos.

Os animais, depois, já não sei dizer, não entendo por que voltam às minhas toxinas, olham para cima encantadores e talvez com esse olhar me perguntem se dessa vez tudo bem, se vou poupá-los, e os meus gritos são na verdade uns ventos pífidos entre as minhas folhas fazendo tombar novas delícias venenosas.

As pessoas, quanto mais crescem, mais têm medo de tropeçar e cair de suas pequenas alturas. Eu não, já faz um tempo que fantasio minha queda, cresci tanto que acumulei vertigem. E eu imploro que me arranquem daqui, minhas raízes para o ar finalmente inocentes, mas o amor, eles sabem tanto de amor, o amor tem dessas coisas, que é manter viva do lado de casa uma árvore venenosa que só quer acabar de viver.

2.

A Alice hoje está de bom humor, encheu a sala toda com as suas piruetas de entusiasmo, vestiu-se para a lavoura e ainda deu de comer ao irmão. Agora olha-se no meu reflexo a perguntar-me, como sempre, se é bela o suficiente. O suficiente para quê, a um espelho lusitano é bastante a beleza simples, pouco elaborada, no meu tempo e na minha terra as raparigas não se exibiam

assim diante de mim, tinham mais com o que se preocupar, não é?

Deixa-me e volta-se para o pai que vem do quarto num dos seus maus dias, passou a madrugada nas suas angustiantes espertinas e agora custa a dar por iniciada a manhã. Há aqueles dias em que o Carlos está melhor e há dias em que eu preferia que ele nem sequer passasse diante de mim para que eu não fosse obrigado a refletir semelhante figura.

Entra em casa a Maria, inspirada das lições da escola, a face redonda avermelhada do frio,

— Pai! Hoje a professora me deu um dez e uma estrela em ciências, posso te mostrar a prova?

e o bom humor da Alice não se sustenta diante das inconveniências da mais pequena, e o que é que o pai vai querer ver numa prova de ciências,

— Tonta, não vê que o pai tá cansado né

e o Carlos de facto está naqueles dias em que saiu apenas metade dele da cama, cada movimento custa-lhe um ano de vida,

— Então vou mostrar pra tu daí

— Capaz! Vai mostrar é pras cabras

então o Carlos acaba por deixar cair uma colher no chão, a pequena colher com que tirava o chá de mate da lata, há um discreto tilintar metálico, as duas olham, olham por instinto, não chega a ser um susto, mas o Carlos não se recompõe facilmente, seria preciso baixar-se para apanhar a colher, e o seu corpo hoje não suporta a envergadura desse gesto, fita a colher com imenso desgosto, e começa a escapar-lhe das feições um estranho choro, principia hesitante, mas logo se revela entregue e convicto, sim, é isso, o Carlos a chorar diante da colher caída,

— Pai! Não é nada, o que é isso

— Pai, paizinho, senta aqui

— Pronto olha aí a colher, já peguei, pronto, pronto...

A Maria abraça-lhe o pescoço, a Alice toma-lhe a mão, acarinham o pai como podem sem que hoje ele responda se não com mais pranto,

— Pai, daqui a pouco a mãe aparece e dá com o senhor desse jeito, vai assustar ela né

— Vem aqui, vem deitar de novo, pronto, não é nada

— É só uma colher, pai

Conduzem o pai de volta ao quarto, de onde hoje não devia ter saído, notadamente para pegar numa colher e deixá-la cair sem misericórdia ao chão. Voltam aturdidadas e algo irmanadas por esse colapso paterno, olham-se em mim como a certificarem-se de que continuam as mesmas, e saem para a lavoura.

3.

As meninas vêm com Pedrinho até as mudas de tabaco, aquelas que ficam atrás de mim, aproveitando a minha sombra. É raro que eu seja uma árvore útil, então é bom destacar cada júbilo.

Segundo o relógio do fumo agora é a hora do transplante, e eu penso numa cirurgia em que as minúsculas mudas são retiradas de uma bandeja estéril e cuidadosamente inseridas num corpo úmido aberto em covas a distâncias exatas umas das outras. O transplante acaba parecendo um cemitério de miniaturas escavado por crianças e são crianças que enterram as plantas e deitam a terra por cima acolchoando o montinho. É na verdade

um transplante em que a terra é o corpo que recebe o órgão, então um cemitério ao contrário, o corpo é a cova.

Ando muito com esses assuntos de cova e morte, não sou mais a mesma. Fiquei assim junto com o Carlos, que também não é mais o mesmo. Eu não sinto essa dor, mas pela cara dele parece que agora tentar ficar feliz dói.

Tantos dias iguais a este. O ritual segue tão preciso e idêntico que fica difícil até para uma árvore a marcação dos dias. Pode ser por isso que eu escrevo um diário. Não escrevo um diário, sou eu mesma de certa forma um enorme rolo de papel, um livro e eu somos da mesma matéria, meu pensamento já vem ele próprio escrito no papel que sou. O registro das minhas impressões sobre o que me acontece é natural como fazer nascer uma folha verde. Então todo pensamento de árvore já é redação, não há árvore livre dos mandamentos da escrita.

Assim também fica anotada uma parte da história desta família, que é a única família que tenho, mas seria de toda forma a minha preferida. Na verdade, aqui vai só uma parte bem pequena mesmo da história deles, porque para dentro de casa, infelizmente, nunca vão me levar. Outra desvantagem de ser uma árvore.

Alice de pé segura a bandeja pesada, Maria que é quase duas cabeças mais baixa recolhe a muda de fumo da bandeja e repassa ao Pedro, que ainda fala tão pouco, sempre com punhados de terra ou areia diluídos na baba da cara, solta de tempos em tempos apenas uma palavra isolada e mal fornida. Pedro tem a altura ideal para isso e gosta bastante de acocorar-se, então é ele quem encaixa cada planta na sua cova e depois acaricia a terra com os dedinhos, as unhas sempre pretas.

Antes, para cavar nas distâncias exatas, eles fazem um cálculo fraternal de braços e pernas. Meio braço da Alice é igual

ao braço inteiro do Pedrinho, e para Maria, que ficou sem proporções, calha a função de cavar nas marcas que os irmãos fazem. Ela reclama dos joelhos na terra e das costas curvadas, e antes que termine de reclamar Pedro joga terra nos cabelos dela e ri.

4.

As outras roupas são mais antigas, eu só tenho oito anos, sou de longe a mais nova das capas de proteção, tem uma roupa que é muito senhora já, veio da época que o tio Carlos era até solteiro. Eu nunca vou na tia Guerlinda porque ela é adulta e não corre a tempo de chegar primeiro em mim, os adultos não correm, só se uma criança estiver em perigo, mas aqui nenhuma criança nunca está em perigo desses perigos que são pra correr. Então eu nunca pulverizei com um adulto, eu adoro pulverizar, é o máximo!

As duas correm na minha direção, não sei qual vai me escolher, é sempre a que chegar primeiro. Maria é mais devagarinha, um pouco cheia, Alice fica dizendo que quando a Maria me veste ela entala. Eu sou a preferida porque não tenho nenhum rasgo, todas as outras roupas têm algum furo, e um furo é o contrário de uma roupa de segurança. Digo, o contrário não chega a ser, mas tudo que tem furo é menos coisa do que a coisa inteira que não tem o furo.

A Alice chega primeiro e me alcança, como ela está ofegante me pega uns segundos num abraço. Ela reclama muito da minha pele, esse plástico grosso e pesado, diz que no sol eu fico quarenta e sete graus, ela diz sempre assim, quarenta e sete. Suamos

muito juntas. Tem vezes que elas me acordam de madrugada pra não pegar sol, mas os remédios precisam mesmo é do calorão.

Tio Carlos joga pra Maria a outra roupa com rasguinhos pequenos e depois outra pra tia Guerlinda. A dele já está com o plástico fino de tão gasto. Andamos assim até as mudinhas novas, somos lerdos juntos, os braços da Alice dentro de mim não conseguem abrir direito e eu acho engraçado, parecemos astronautas no meio das folhas de tabaco, eu gosto de brincar que chegamos na Lua e a Lua é desse jeito, plantada.

Nas costas a torpilha é muito pesada, a Maria quase não aguenta, mas como ela precisa mostrar que aguenta ela é a que menos reclama nessa hora. A torpilha é a mochila de remédio. A Alice reclama muitíssimo. O sol deixa a gente embaçada, a máscara muito molhada. A gente vai deixar o fumo limpíssimo, não vai subir uma mosca, somos quatro super-heróis embalados espirrando jatos de poder.

O tio Carlos às vezes repreende as filhas porque tem que tomar cuidado com a deriva, que é quando o remédio cai pra onde não deve. Às vezes vem caindo do terreno do vizinho que é até que longe mas mesmo assim derrama aqui e atrapalha as galinhas e tem o perigo de chegar no poço, então essa é uma hora muito séria.

A Maria mira na fileira da esquerda e a Alice na da direita. O bracinho delas vai e vem doendo na alavanca e eu às vezes engancho e me enrosco e então a Alice me odeia. Ela também me odeia quando meu gorro cai no olho ou não cobre direito o cabelo. A alavanca sobe e desce, a dos adultos vai mais depressa, não sei se é porque eles têm mais força ou mais vontade.

Tio Carlos faz sinal pra Maria levantar um pouco o braço que segura a ducha porque ela é mais baixinha e a distância

do chão fica pouca. A mochila de remédio é muito pesada, coitada da Maria. Ela chama de veneno, o tio Carlos também, mas alguns gostam mais de falar remédio. Eu falo remédio.

Mesmo comigo que não tenho furo às vezes a torpilha, a torpilha é aquela mochila de remédio, às vezes ela balança e entorta e escorre um pouco de remédio pelo pescoço delas, ou escorre da luva pra dentro do braço, e a Alice tenta coçar, mas eu sou muito insuportável e não deixo a pessoa mexer um puto de um braço, qualquer dia ela vai rasgar essa coisa inteira e largar mão dessa frescura, todos vão ver, essa porcaria que não serve pra nada, que ela já está toda ardida. A voz dela mudou muito agora que ficou mais moça, mas ela sempre falou desse jeito, eu fico chateada, mas são coisas que ela não pensa de verdade.

Era pra elas terminarem muito antes dos adultos porque elas só levam metade do remédio que cabe na mochila, mas depois de muito tempo o braço subindo e descendo elas querem parar um pouco, está fervendo dentro dessa roupa, segundo a Alice, e a roupa sou eu, que continuo sendo imprestável, mas o tio Carlos, que é o pai, faz um sinal que é pra animar, mas não anima nada.

Talvez tivesse um óculos além da touca, eu acho, no pacote eu vinha com uma touca mas a minha já rasgou, e não deve dar pra enxergar nada nem respirar com tudo coberto daquele jeito, eu vim num pacote lá de Minas Gerais e vinha uma touca mas não lembro se vinha óculos. A tia Guerlinda tem o olho tão claro que às vezes eu acho que não tem olho, e fica só o olho sem olho por cima da máscara no meio dos jatos de remédio, com a touca branca fica parecendo um fantasma numa chuva escura. A máscara tampa o nariz mas também tampa o sorriso mas tudo bem porque eu posso apostar que não estão sorrindo, não agora pelo menos, eu acho.

5.

A melhor hora é esta, depois de tantos dias iguais, os quatro jogados na minha sombra, as roupas de segurança amontoadas ao lado, encharcadas de suor e veneno. A minha sombra ainda é muito gelada em agosto e eles respiram juntos, as cabeças nas minhas raízes, eu sopro um carinho de folhas soltas. Sou um amparo galhudo e firme. Sossegamos todos.

O transplante foi um sucesso, diria o cirurgião sobre as mudas de tabaco tão belamente encovadas, cintilantes de pulverização e sol. Onde está o Pedro é uma coisa que nunca pensam muito, se eu esforço os ramos altos por cima da chaminé não vejo Pedro, pelas janelas detrás da casa, aí sim, o menino tão sujo de terra que parece plantado no chão do quarto segurando um brinquedo. Pedro é tão bom que não precisam saber onde está porque está sempre onde o puseram, uma criança-árvore.

Até por isso a mãe da Guerlinda foi embora, cuidar de outros netos, as crianças daqui se cuidam sozinhas.

Maria levanta e dobra a capa com nojo, joga água da mangueira sobre a roupa de plástico e tudo escorre pela terra. Eu que sei bem de venenos vejo o quanto queima na grama esse mosto amargo.

A melhor hora não dura muito, começam a se levantar, um de cada vez. Fico esperando um peso no meu balancinho, ninguém vem. Carlos recolhe as roupas duras e se afasta arrastado, está cada dia mais lento, o medo é um dia ficar imóvel como eu. Pode ser que os venenos façam isso aos humanos, criem uma tendência a árvore.

Guerlinda vai ver a janta, Maria gosta de dizer que vai fazer lição, diz mais de uma vez, porque Alice mesmo ainda nova não tem mais lição, concluiu o Fundamental há um ou dois anos e fim. O sol vai ficando oblíquo e sem efeito, minha folharia doida no vento.

Entram todos na casa em que eu nunca estarei.

6.

Entram em casa com esse ar de missão cumprida, mas eu noto o peso das geadas dentro de cada olho, nem precisam de enfrentar o meu reflexo, já sei muito bem, eles não vão dizer nada, ninguém vem nesta altura falar do ano passado, não foi no ano passado, foi no ano anterior, ainda assim, ninguém dirá que agora o perigo é virem as geadas, e o que não dizem fica nesta sala, bate na luz e em mim e eu revelo numa imagem irrefragável, não se pode esconder grande coisa de um espelho português tão viajado. O medo das geadas está a ondular-lhes o rosto.

O transplante em agosto deve ser o mais seguro nesta região, se foi isso o que estiveram a fazer lá fora é bonito terem feito tudo da forma mais segura, mas há dois anos as geadas foram em agosto e aqui estou eu para lembrá-los, não sei como ficou a plantação, sei da cara deles diante de mim quando tinham coragem de contemplar a derrota, sei das conversas, os gritos, quase não se grita nesta casa por isso os gritos são sempre muito importantes, e entre os gritos sabia-se que o seguro era insuficiente, ou não cobria, ou pior, o pagamento da anuidade da associação estava atrasado, como é que podiam não saber isto,

o Carlos pela primeira e única vez deu um soco na mesa, abafado pelas rendinhas do naperon, que não se metessem todas assim ao mesmo tempo onde não eram chamadas.

Não sou um espelho dado a trocadilhos. Exceccionalmente, porém, gosto de dizer que reflito muito, reflito tudo, mas reflito muito sobre esta família, que é a família que eu tenho hoje e é a que posso refletir. Se repararem na minha moldura em rococós e entalhes de pássaros e volutas, ricamente encimada por um florão com pátina e folha de ouro, o cristal bisotado, bem podem chamar-me de relíquia, se me levam a um leilão ou aos penhores ainda saem com a refeição de meio ano, pelo menos do mês, ainda assim dou muito mais valor a estas pessoas do que elas a mim, humano meu, humano meu, existe no mundo espelho mais belo do que eu? Nem para além dos sete montes enfeitados etc.

Agora o Carlos está sentado à mesa e a Guerlinda a deitar ensopado nos pratos, silêncio, só a televisão por trás com a dramaturgia de sempre, ninguém vem nesta altura para dizer algo deste tipo, e as geadas, meu Deus? E então alguém retorquiria que as geadas são do passado, por que razão falar nas geadas agora? Não, não seria assim, a Maria levantaria a cabeça do caderno, como se tivesse feito uma conta e chegado a um resultado possível, pai, e as geadas? E a Alice teria ganas de dar um estalo na cara da irmã, como se as geadas fossem coisa de entornar para o prato pela boca, um ensopado ao contrário. O Carlos diria que ficasse toda a gente tranquila, que este ano não há qualquer previsão de geadas para esta época, e a Guerlinda lembraria que há dois anos também não tinha havido previsão e no entanto...

Agora estão todos em silêncio com o ensopado, e eu sei que é um silêncio de geadas, talvez somente eu o saiba, porque esta gente simplória se calhar julga que cada um está sozinho

no seu pensamento de geada quando claramente a família está aqui toda paralisada nesse pavor.

O Carlos talvez não dissesse nada que as acalmasse, é verdade que fala menos a cada ano, é evidente que uma palavra lhe gasta quatro vezes mais energia do que aos outros, por isso é melhor realmente que ninguém ponha no ar o seu próprio pensamento de geadas porque o Carlos não diria nada e a geada ficaria aqui diante de nós a arrefecer o ar, um medo revelado que eles teriam ainda mais receio que se concretizasse já que um medo assim tão para fora deles parece coisa que vazaria porta fora sem eira nem beira e congelaria rapidamente a plantação, e eu não sou nenhum espelho capaz de contas, mas não é preciso muitos números para entender que uma segunda geada a esta altura, principalmente com as dívidas daquela primeira ainda empilhadas na testa do Carlos, mais uma dessas e esta família não sobrevive, o que acontece, é normal, como se passa aos animais, de vez em quando a natureza decide que não podem sobreviver, ao contrário de outros na floresta logo ao lado. E então apenas o espelho resiste, implacável, pendurado, firme do alto até quase ao chão, para espelhar outra família.

Terminam o ensopado e não haverá geadas, agora alimentados vê-se que tudo correrá bem, já começam a lavar os pratos, cada um a seu turno, encostam o cachopo ao pé de mim, o garoto que onde o colocam dá raízes, uma criança facílima, é devagar com as palavras, se calhar os venenos lá fora mexeram na gestação, gosta de se olhar no meu reflexo, mas não como os outros, parece que me observa numa camada mais funda de mim, vê os próprios olhos no meio das minhas oxidações e vê também qualquer coisa para além disso, às vezes parece que se vai rir, outras, chorar, e fico sem saber o que é que pode ele ver tão profundo além da cara bonita, é um cachopo bonito

porque é quieto, é isso que ele pensa, quanto mais quieto mais ouve que é bonito, os outros a lavarem os pratos e ele aqui a fitar algo muito importante dentro de mim.

A Maria volta à lição, agora sem pensar nas geadas, tenho a certeza de que já não pensa nas geadas porque esta gente é assim, com o estômago aplacado amainam todos os instintos, vai passar todo o serão com o lápis a correr eloquente no pequeno caderno a fingir indiferença à novela na televisão. Todas as noites deixa o caderno sobre a mesa na esperança de que alguém lhe espie as lições, sorrateiramente, a mãe percorreria os últimos parágrafos da redação, primeiro aflita, depois a sorrir, só não mostraria ao pai porque o Carlos tem muitos pensamentos próprios, não teria espaço para bisbilhotar a filha, e já nem lembra bem como se lê, se calhar a Alice, ressentida, agora sem escola, folhearia ao acaso a parte dos desenhos, ou as contas de matemática, se calhar já se esqueceu de como se decifram, e sentiria uma pequena dor de não ser a própria irmã, de não ser a mais pequena, para isso fica o caderno quase aberto sobre o naperon todas as noites, mas estou aqui diante dele e nunca, posso garantir que nunca ninguém mexeu nestas folhas.

7.

O sol da manhã, ainda muito frio, não chega a esquentar nem a mais alta das poucas folhas que me restam no meio das favas ainda verdes. Guerlinda cuida agora dos milhos e das batatas, só por uns instantes. Ela gosta dos milhos e batatas, mas não pode demorar neles porque aqui vivemos o tempo do fumo.

E também os espaços do fumo, que são sempre os melhores, senão vem o orientador da empresa e repreende a todos, como se fossem empregados dele, bota a sua banca de sabido, critica uma conduta ou outra, manda que plantem mais e mais que nesta safra pagarão muito bem. E os humanos às vezes têm essa desvantagem de acreditarem uns nos outros. Apesar de que isso é uma coisa que nós árvores também fazemos, só não confiamos por exemplo no eucalipto. E então Carlos sacrifica mais cebolas, milho, elimina quase todo o grão-de-bico, amplia toda a lavoura de fumo, o orientador muito satisfeito. E depois, é o de sempre, ouvem nos arredores o burburinho, que este ano produziram demais, foram tolos, agora despencam os preços, os mais distantes culpando os mais próximos, os mais próximos culpando as outras regiões.

Ela vigia o milho discreta, não vá o tabaco pensar que ela se ocupa demais dos outros cultivos, que são coisa pequena, só para encher a mesa e nada mais, às vezes até dá uma sobra ou outra para vender nas feiras, principalmente os pêssegos, mas nada que o tabaco precise reparar, que aqui manda ele.

Quando a mãe da Guerlinda morou conosco, davam mais atenção aos cultivos todos, mais duas mãos na lida, as batatas eram felizes, e as crianças também eram, e até a Guerlinda. Não sei se por causa da mãe, penso que não, mas pode ser, no fundo tudo o que querem os mamíferos é a mãe.

Agora Guerlinda caminha de longe com o chapéu e se aconchega uns instantes na minha sombra, as costas no meu tronco farelento de formiga, fala comigo, ou na verdade não fala comigo, fala sozinha. Mas se fala sozinha com a mão apoiada na minha casca é natural que seja, na soma das palavras com

as mãos, alguma espécie de carinho. Que este ano tudo vai muito bem, já recuperaram tanto, mesmo com as geadas do ano retrasado é impressionante como se refizeram. Está ofegante dos cuidados com o milho, mas se falasse mais diria que estavam todos bem, talvez não tanto o Carlos, que há anos pegou alguma preocupação que não saiu mais de cima do nariz, não dá nem graça conversar muito, e também não sabe direito o que conversariam a essa altura se fossem tentar.

O ruim disso é que a Maria pode conversar na escola, se é que tem amigos, a Alice tem uns vizinhos dos terrenos mais adiante na linha, uma espécie de namorado que vem disfarçar a falta de assunto, e tem o Pedrinho que mesmo com quase três anos ainda não sente falta de conversar, por mais esforços que Maria faça para ensiná-lo. Mas e Guerlinda, vai falar com quem? Ficou aqui comigo plantada nesse silêncio.

Quando a mãe morava aqui ainda tinha alguém com quem disputar as receitas, possivelmente criticar a novela. Até poderia bater em alguma roça mais ou menos vizinha, um olá, mas há tantos anos que perdeu o jeito disso. Nem saberia começar uma ideia dessas, não, essa é uma ideia minha, uma ideia de árvores com mania de despencar frutos em outros terrenos, essa ideia não dá na cabeça de Guerlinda, que fica então plantada no silêncio. Antes pelo menos tomavam o mate aqui depois de jantar, Carlos, Guerlinda e a mãe dela, agora parece que nem acendem direito a luz porque maltrata alguma coisa dentro da cabeça dele.

Alice ainda de pijama surge diante da porta da casa segurando a mão do Pedro, o olho franzido

— Mãe, a Maria não encontra as canetas

o olho franzido na minha direção, um olho de sono contra a luz. Guerlinda bate as mãos nas calças para despegar a folhagem, não sabe de canetas

— Tá dizendo que não pode ir sem, que a professora não deixa emprestar daí

só sabe, isso sim, dos milhos e das batatas, e mais ainda das galinhas que Alice tem de ir alimentar e dos porquinhos que também têm fome e nada de Alice colocar a cara no sol para fazer a sua parte, que esta casa não funciona se todos não colaboram igual, que ela já é moça e cansa uma mãe ter de repetir tanto. Guerlinda avança para a porta da casa escapando da minha sombra, que não é nada ampla a esta hora, fica quase inteira para trás da casa,

— Mas, mãe, é que ninguém aguenta a tua filha com essa coisa das canetas, há meia hora revirando as almofadas né

— E tu tem alguma coisa a ver com as caneta da tua irmã, Alice?

— Capaz! O que eu teria que ver com essa maldição de canetas

— Então pode soltar o guri e vai já resolver as galinha né

— Se eu tô com o guri não posso tá com a coisa das canetas e também as galinhas e os porcos, que inferno

— Deixa o piá aí que ele fica onde tá, Alice, diaba.

Na janela do quarto do casal o sol começa enfim a bater por entre a sombra das minhas folhas e fica um desenho bonito, a parede de barro rosa e por trás do meu desenho a cara do Carlos olhando a plantação e não vendo nada, ouvindo as mulheres e não ouvindo nada.

— Pedro, tu é um guri bonito né, que vai ficar onde a mamãe mandar?

Pedro é um menino tão bonito, não gosta de conversas assim meio gritadas, senta no chão na frente da casa e vai cavoucar a terra com uma pá de jardim

A árvore mais sozinha do mundo

«Eles sabem tanto de amor, o amor tem dessas coisas, que é manter viva do lado de casa uma árvore venenosa que só quer acabar de viver.»

Mariana Salomão Carrara repete a proeza: depois do arrebatador *Não fossem as sílabas do sábado*, oferece-nos uma história que encanta e perturba, uma história como nunca lemos antes. No núcleo, temos uma família, força motriz dos grandes livros: os pais, Carlos e Guerlinda, extenuados pelo trabalho numa plantação de tabaco; e os filhos, Alice, Maria e Pedro, já com as vidas dedicadas à lavoura e envenenadas pelos pesticidas. São fumicultores, vivem esquecidos pelo mundo e lutam para sobreviver à escassez de tudo e ao colapso climático. Num desfile de desgraças-doenças-infortúnios, mas também de sonhos-desejos-vitórias, subvertem-se códigos de leitura e desvelam-se a pouco e pouco os narradores inanimados deste romance, que fazem companhia a personagens maiores que a vida. Movidos pelo amor, o assunto mais sério desta história, juntos conduzem o leitor até ao «outro lado do espelho», um lugar de sonho e pesadelo.



Formalmente arrojado, socialmente incómodo, literariamente primoroso: *A árvore mais sozinha do mundo* confirma Mariana Salomão Carrara como uma escritora ao mesmo tempo clássica e inventiva, que desafia o cânone e o integra na perfeição.

«Mariana Salomão Carrara investiga ‘essa coisa obscura’ do humano, ‘de saber o que é o certo, o melhor, e fazer o contrário’ [...]. A autora, no entanto, não nega espaço para falar de amor. Há na trama uma árvore que vê tudo de cima, soberana num reino de misérias, e ela consegue enxergar curas possíveis para uma terra pervertida por toxinas.»

ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER, *Quatro cinco um*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN 9789895836239



9 789895 836239 >